

**INSPER INSTITUTO DE ENSINO E PESQUISA
FACULDADE DE ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO**

João Marcelo Carucci de Souza

**POR QUE O CHILE OBTEVE UM RÁPIDO CRESCIMENTO ECONÔMICO
DURANTE AS DÉCADAS DE 1980 E 1990?**

São Paulo

2014

INSPER INSTITUTO DE ENSINO E PESQUISA
FACULDADE DE ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO

João Marcelo Carucci de Souza

POR QUE O CHILE OBTEVE UM RÁPIDO CRESCIMENTO ECONÔMICO
DURANTE AS DÉCADAS DE 1980 E 1990?

Monografia de Conclusão
de Curso apresentada no curso de Economia do
Instituto de ensino e pesquisa como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em
ECONOMIA.

Orientador: Fernando Leite
Ribeiro

São Paulo

2014

João Marcelo Carucci de Souza

**POR QUE O CHILE OBTEVE UM RÁPIDO CRESCIMENTO ECONÔMICO
DURANTE AS DÉCADAS DE 80 E 90?**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada
no curso de Economia do Instituto de ensino e
pesquisa como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em ECONOMIA.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Fernando Leite Ribeiro – Orientador

Prof. Dr. Vinicius Muller – Examinador

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha família, que sempre me apoiou, principalmente aos meus pais. Sou grata também aos meus amigos que sempre me incentivaram nestes quatro anos de graduação. A todos os meus colegas que fizeram parte desta fase da minha vida e ao professor Fernando Ribeiro, que foi sempre muito atencioso e dedicado a me ajudar a desenvolver este estudo.

RESUMO

Carucci, João Marcelo. Por que o Chile obteve um rápido crescimento durante as décadas de 1980 e 1990? São Paulo, 2017. 30p. Monografia – Faculdade de Economia e Administração – Insper.

Muitos países da América do Sul sofreram durante todo o século passado. Entretanto, com o Chile, a história se desenvolveu de forma diferente e ganhou uma próspera virada em meados de 1980 e em toda a década de 1990. Este trabalho analisa com múltiplos olhares como pode ter se desenvolvido esse progresso. Existem muitas atribuições dadas por outros estudiosos, mas esta é a primeira vez em que se relaciona os diferentes pontos de vista. Por revisão bibliográfica são analisadas as políticas macroeconômicas adotadas antes e durante os períodos, os cenários externos e como a derrocada dos militares transformou o contexto em ambiente mais amigável aos fluxos econômicos. Desta forma, este estudo pode confirmar que, diferentemente dos outros vizinhos de continente, o país com longa costa para o pacífico aplicou uma série de boas políticas, potencializadas por ambiente favorável tanto externamente como internamente.

Palavras-chave: Chile, economia, crescimento, políticas públicas, macroeconomia, herança econômicas.

ABSTRACT

Carucci, João Marcelo. Why did Chile achieve rapid growth during the 1980s and 1990s? São Paulo, 2017. 30p. Monograph – Faculdade de Economia e Administração – Insper.

Many countries in South America have suffered throughout the last century. However, with Chile, history developed differently and gained a thriving turn in the mid-80s and throughout the 1990s. This work analyzes with multiple glances how this progress may have developed. There are many attributions given by other scholars, but this is the first time that the different points of view are related. By bibliographic review, the macroeconomic policies adopted before and during the periods, the external scenarios and how the military collapse were transformed into environments more friendly to the economic flows. In this way, this study can confirm that unlike the other mainland neighbors, the country with a long coast for the Pacific has applied a series of good policies, powered by a favorable environment both externally and internally.

Keywords: Chile, economy, growth, public policies, macroeconomy, economy heritage.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. REVISÃO DA LITERATURA	11
2. METODOLOGIA	13
3. RESULTADOS ESPERADOS.....	14
4. DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS.....	15
CONCLUSÃO.....	21
REFERÊNCIAS.....	23

INTRODUÇÃO

O Chile é uma nação localizada na América do Sul dotada de aproximadamente 18 milhões de habitantes (ONU), fala espanhol e sua moeda é o Peso Chileno. Com uma grande costa para o pacífico, o país tem inúmeras belezas naturais e Pablo Neruda (ganhador do Nobel de Literatura). Nos dias de hoje, o Chile é um país conhecido pela estabilidade tanto política como econômica se comparado aos seus vizinhos de continentes, isso se reflete nos índices sociais:

Indicador	Resultado	Posição no Continente
IDH	0,832	2º
Coefficiente de GINI	50,3	2º
Índice de Pobreza	3,7	1º

O sistema político é republicano, com uma democracia ainda jovem. Semelhante a outros países sul-americanos, o Chile sofreu com a ditadura militar, que acabou em 1990. Durante este trabalho vamos nos deparar com a época de ditadura algumas vezes, já que nessa época a política econômica adotada pode ser uma das explicações para o sucesso chileno nas décadas seguintes.

Com a abertura comercial a partir do governo militar, a economia chilena se diversificou e ficou mais equilibrada, porém sua mais famosa fonte de renda vem das grandes minas. O cobre é o principal metal do país e responsável por grande parte da exportação. Nos próximos blocos desta introdução será feito um *briefing* da análise tanto política como econômica que deverá responder à pergunta que originou esta pesquisa.

O crescimento econômico chileno no final dos anos 1980 e na década de 1990 foi espetacular. Se formos comparar a década de 1990 às décadas anteriores, o Chile teve aumento de 5 pontos percentuais se comparado aos anos 1970 e 3 pontos percentuais se comparado aos anos 1980 (Figura 1). A situação fica ainda mais discrepante ao compararmos aos outros países sul-americanos (Figura 2).

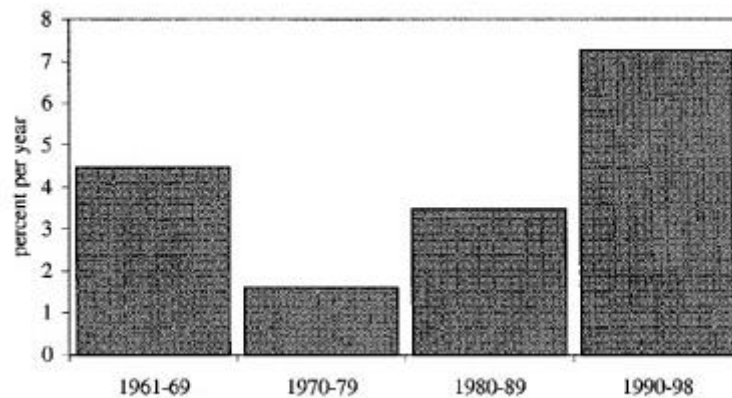


Figura 1 – Média do PIB por décadas.

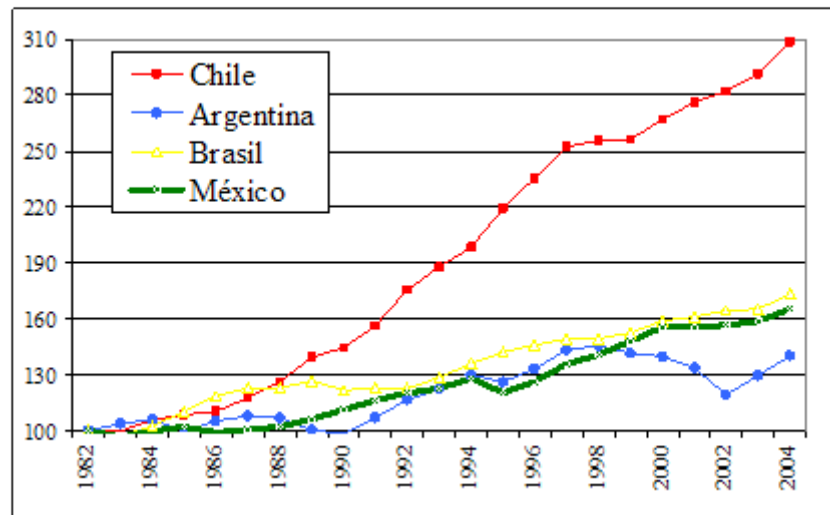


Figura 2 – Crescimento do PIB comparado aos vizinhos (1982=100).

A alta taxa de crescimento do Chile chamou a atenção de muitos estudiosos, passando por explicações bem variadas. Alguns dizem que o fenômeno vem do ambiente externo favorável, como se fosse boa sorte do país, outros colocam a justificativa na mudança do regime ditatorial para democrático e boa parte deles explica com a herança econômica das duas décadas anteriores tendo seu resultado maior nos anos 1990. Mais para a frente do trabalho vamos também analisar as políticas econômicas adotadas nos anos de estudo para buscar políticas que tiveram seu resultado no curto prazo e que possam ter ajudado no crescimento na mesma

época. Nos próximos parágrafos faremos uma pequena introdução de cada uma dessas explicações dadas por analistas.

O ambiente externo, como todas as outras explicações, pode não ter sido a principal explicação e sim uma complementação de outras análises. É difícil dizer que apenas o cenário externo positivo faça um país crescer em média quase 7% ao ano durante uma década inteira, mas ele pode potencializar e garantir que políticas econômicas sejam viabilizadas. Durante essa época o capitalismo se consolida como o sistema econômico “correto” com a queda da União Soviética, assim os fluxos econômicos estão a todo vapor. A taxa de juros de países industrializados estava em declínio temporário, o que também pode ter ajudado os chilenos.

A mudança do regime governamental adotado em 1990 para um regime democrático pode ser considerada importante para o crescimento econômico, dado que muitas vezes os fluxos de capitais e bens são maiores com governos estáveis, ao passo que, se um regime ditatorial está no poder, os investidores não conseguem saber ao certo quais são as intenções do mesmo no futuro. A democracia trouxe ao Chile uma imagem ao exterior de que o país poderia sustentar melhor suas regras e assim diminuir os riscos dos investidores. Portanto, a partir de 1990, as incertezas acerca das normas e regras diminuíram com um sistema mais compatível com os interesses do exterior.

Quando Allende (ex-presidente) caiu e o regime ditatorial se instalou, o jogo político não foi o único segmento que mudou: ao sair um presidente de esquerda, a ditadura implantou uma política econômica pautada na abertura comercial. Pinochet buscou na escola de Chicago inspiração para a economia chilena e essa pode ter sido uma das principais explicações sobre o crescimento. Muitos podem se perguntar: então por que o Chile não cresceu como nos anos 1990 nas décadas anteriores? Essa pergunta pode ser respondida pelo clima de sangue que a ditadura passava, assustando mercados internacionais, outra alternativa é de que muitas políticas adotadas iriam trazer resultados apenas nos próximos anos.

O Chile não chega a ser um país de primeiro mundo e rico como os países europeus, mas, pensando apenas no território latino-americano, trata-se de um país que tem ao longo dos anos um crescimento muito mais estável do que os outros, e muitos dos seus bons índices hoje decorrem dos altos resultados econômicos notados

em anos anteriores. Nos parágrafos anteriores vimos uma pequena apresentação do que pode ter causado esses resultados econômicos em meados de 1990. Nos próximos capítulos vamos estudar todas essas explicações e ver a fundo se elas realmente fazem sentido, além de analisar as políticas adotadas durante o período de estudo.

1. REVISÃO DE LITERATURA

Segundo Jadresic e Zahler (2000), o crescimento chileno nos anos 1990 veio principalmente de boas políticas na mesma época atrelado à mudança estrutural política em 1990. O estudo não coloca diretamente a herança deixada pelo governo ditatorial, ele cita dizendo que o que foi feito nos anos 1990 foi um aprimoramento do que foi feito nas décadas anteriores; com o novo governo, as discussões melhoraram e as políticas ficaram mais eficientes, principalmente o combate à inflação, que foi se estabilizando durante a década.

Seguindo a ideia de estabilização da inflação, Garcia (2001) mostrou que, com o início da nova política inflacionária, o governo tornou possível mais uma série de políticas eficientes. Com isso foi possível crescer durante tantos anos seguidos em uma taxa tão elevada. Calvo e Mendoza (1999) dizem que as políticas econômicas adotadas foram possíveis por resolverem enigmas antes não decifrados, dentre eles a sempre desequilibrada taxa de juros, que nem sempre estava compatível com a meta de inflação.

Fisher, Gutierrez e Serra (2005) estudam as privatizações que começaram fortemente nos anos 1970, com que muitos analistas justificavam os vários consecutivos anos de crescimento do PIB. Eles buscaram os resultados das empresas privatizadas antes e depois das privatizações, e isso se justifica já que, com empresas mais eficientes, teoricamente o país será também mais produtivo. O Chile até o governo de Pinochet era em sua maioria composto por empresas estatais, e chega nos anos 2000 com quase nenhuma empresa dominada pelo governo: isso está muito ligado ao processo de abertura comercial iniciado pelos militares.

Geralmente nos acostumamos a apresentar o Chile como um modelo a ser seguido, pelo menos em termos econômicos, a partir dos anos 1970. O país serviu como um experimento para muitas outras nações já que foi experimentado o liberalismo econômico. Bosworth, Dronbusch e Laban (1994) escrevem um livro explicando as lições que podemos tirar dessa época e como ela se relaciona com o fenomenal crescimento a partir de 1985, de modo que, depois de 16 anos de autoritarismo político, o Chile deveria desfrutar de uma cultura econômica frutífera deixada com políticas pontuais que antes não eram eficientes, muito por causa da

repressão e do autoritarismo. Os autores ainda pontuam dizendo que a ditadura deixou o país mais rico, mas com uma maior desigualdade de renda, fruto dessas políticas ineficientes comentadas acima.

Sonaglio e Pedroso (2006) discutem em um artigo na mesma linha dos professores acima, ao perguntar se o Chile deveria ser um exemplo a ser seguido, porém eles colocam que a abertura comercial iniciada em 1973 com a ditadura militar e mudança de comportamento pontual em relação a algumas variáveis tornou possível o crescimento a uma taxa chinesa nos anos 1990. Além disso, o artigo traz as políticas implementadas a partir dos anos 1980 até os anos 2000, que ilustram a diferença do crescimento apresentado nos anos anteriores. Outra boa constatação é de que a partir de 1987 houve uma melhora considerável do setor externo, o que ajudou bastante a exportação chilena.

Olhando para a melhora do setor externo e de como esse fato aumentou os fluxos de capitais chilenos, Rodinel e Sonaglio (2001) entendem que os aumentos dos fluxos de capitais externos possibilitaram o crescimento do Chile. Com um setor externo favorável, o governo que sucedeu os militares conseguiu controlar a inflação, que era um problema recorrente dos governos militares apesar do crescimento.

Existem alguns estudos sempre mostrando se algum motivo em específico explica o crescimento chileno, então esse estudo busca fazer uma junção das explicações e chegar em um denominador comum para explicar por que o Chile cresceu em taxas tão altas durante final dos anos 1980 e os anos 1990.

2. METODOLOGIA

O objetivo deste estudo é descobrir por que o Chile cresceu tanto entre 1985 e 2000, os motivos podem ser dos mais variados, passando por motivos econômicos, culturais e políticos. O objetivo aqui não é saber o quanto uma variável macroeconômica influenciou no PIB nesses anos, e sim estudar as políticas econômicas e sociais e o ambiente político que fizeram com que o país atingisse o sucesso.

A metodologia, portanto, será a bibliográfica, pois existem muito bons estudos, empíricos e bibliográficos que juntos vão nortear a pesquisa na busca da resposta de forma eficiente.

3. RESULTADOS ESPERADOS

Existem muitas explicações que podemos dar para o fenômeno chileno. Nesta parte do estudo tenho esperanças de que a herança de uma cultura econômica tenha possibilitado o crescimento, mas não tenha sido o motivo em si. Junto à herança veio a melhora do ambiente interno com um governo democrático republicano, isso pode ter melhorado as discussões econômicas e ajudado a diminuir as incertezas junto aos investidores.

Acredito que tudo isso foi um acréscimo que corroborou as boas políticas implementadas que atacaram e equilibraram as variáveis macroeconômicas, assim sendo possível crescer a uma média de 7% ao ano durante toda a década de 1990.

4. DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS

O Chile, nas últimas décadas, vem sendo *case* de sucesso e um motivo de inspiração entre os países em desenvolvimento. A partir de 1973, quando o golpe militar foi instaurado, o país começou a desfrutar de mudanças estratégicas econômicas, de modo que a abertura comercial e a grande entrada de capitais externos possibilitaram que o crescimento econômico nos anos 1980 e 1990 fosse sustentável e estável.

Apesar de parecer que a política econômica na ditadura militar foi apenas de acertos, observamos que não. Essa abertura econômica brusca e o ambiente externo desfavorável resultaram na quebra do sistema financeiro e na piora das contas externas.

Neste capítulo serão analisadas todas as mudanças de estratégia e as variações das variáveis macroeconômicas dentre o período do estudo, esmiuçando como a abertura econômica tornou possível a participação estrangeira no PIB do país, melhorando a taxa de investimento. Assim, vamos poder dizer os motivos para que o Chile seja visto com tantos bons olhos pelos especialistas, mesmo sendo um país que não se desenvolveu com uma indústria local forte.

No meio da década de 1980, a política econômica mudou, erros foram absolvidos. O câmbio se tornou flutuante, houve maior abertura econômica, taxas aduaneiras caíram, as entradas de capitais foram controladas e o déficit público caiu.

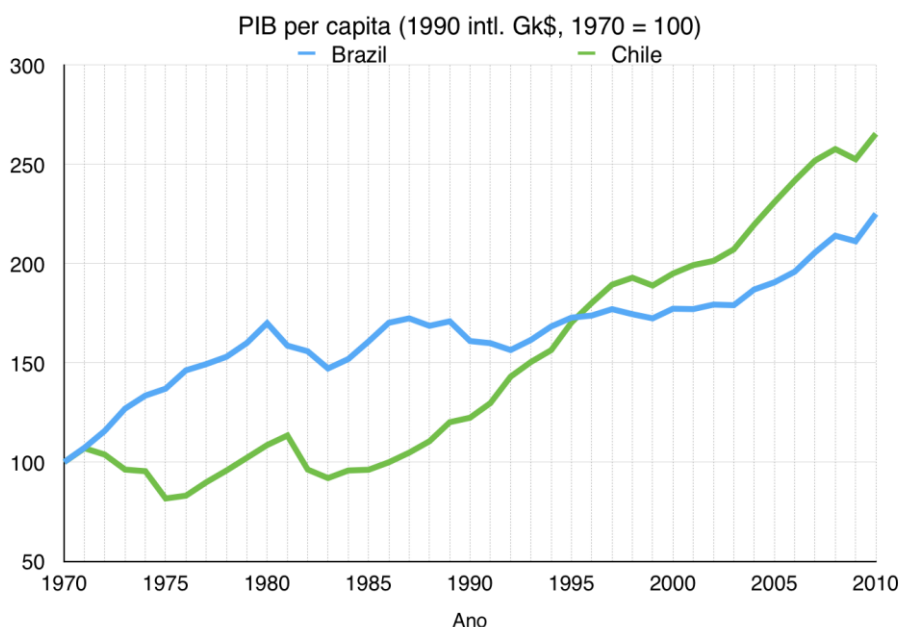
Em 1985, com a entrada de Herman Buchi, Ministro de Finanças, o setor exportador foi colocado no topo das prioridades, um mercado antes restrito ao capital externo. Com isso o crescimento foi recuperado e os preços estabilizados. Junto a essa medida, ocorreu uma desvalorização da taxa cambial e um aumento das tarifas de importação, assim apenas em 1988 ocorreu uma melhora significativa da economia, quando incentivos cambiais foram colocados e diminuíram-se as tarifas.

Em 1987, possibilitado pelo aumento significativo do cobre, ocorreu um grande influxo de capital, o país absorveu grande parte disso. A atividade e o investimento cresceram, mas tudo isso causou uma pressão na moeda em direção à valorização. Absorvendo os fatos, as novas políticas econômicas impostas nos anos futuros foram

para tentar inibir as pressões causadas externamente, e ao mesmo tempo tentando absorver boa parte do excessivo capital externo que ocorria na época.

No gráfico 1, podemos observar como as mudanças estruturais e nas políticas econômicas fizeram com que o Chile obtivesse taxas de crescimento maiores que o Brasil. Pode-se notar como a inclinação a partir dos anos 1980 faz com que por volta do ano de 1990 o Chile ultrapasse o Brasil na comparação do PIB *per capita*. Antes as políticas econômicas eram boas, mas estabelecidas em um regime em que não se considerava o contexto em que seu país estava inserido.

Gráfico 1 – PIB *per capita* (Brasil x Chile).



Toda a política econômica chilena teve como quesito-chave a desvalorização cambial: ela acompanhava a cada semana a inflação interna e externa, seguindo o conceito da paridade do poder de compra. Acrescido a isso, era incorporada de maneira delicada e gradual uma minidesvalorização a cada período. Em meados de 1990 a moeda chilena foi um grande possibilitador para o bom resultado das exportações de bens. Outro fator importante na recuperação da economia chilena foi a retomada dos investimentos produtivos, mais do que o setor de mineração já consolidado, e o país deu maiores incentivos para os setores mais tecnológicos.

Em 1989 o cobre tinha seu preço em nível elevado e a taxa de câmbio estava consolidada. Isso garantiu um incremento na demanda agregada. Quando em 1990 o governo democrático assumiu, ele manteve as políticas voltadas para a exportação,

inclusive a maior diversificação. Mesmo que o cobre ainda representasse mais da metade da carteira do país.

Porém, o novo governo ao assumir encontrou desafios. A inflação estava relativamente alta e, para responder, foi aumentada a taxa de juros, com isso a inflação foi controlada, mas claramente isso prejudica a política voltada às exportações, com a maior entrada de capitais no país o câmbio é valorizado, e os investimentos caem junto à exportação. Como o crescimento econômico desacelerou, a resposta foi abaixar as tarifas de importação e colocar um imposto de 20% para o fluxo de capital de curto prazo para brevar o influxo.

Vale ressaltar que esse governo tinha um grande desafio pela frente, a esperança dos chilenos estava posta, o governo deveria provar que teria a habilidade econômica necessária para continuar crescendo e ainda tornar o ambiente político e social mais justo. O bom desempenho no início dos anos 1990 abaixou a pressão sobre os novos mandatários: para o futuro deveriam agora decidir qual estratégia tomar, como já observado, havia um dilema, o país deveria escolher entre controlar a inflação a níveis mais baixos ou dar suporte para as exportações. As exportações requeriam taxas de juros em níveis baixos. Segundo Veloso (1996), na época era consenso entre os especialistas de que as taxas de juros fossem acima das internacionais, para que fosse controlada a demanda agregada. Portanto, o governo tinha mais um elemento nesse dilema.

Patricio Aylwin, presidente vigente à época, lidou com esse problema de forma bem cautelosa. Ele foi gradualmente por meio de medidas abrindo as contas do país para o exterior e, no momento em que achasse que os fluxos tivessem encaixados na matriz econômica, o governo teria achado os níveis corretos de fluxo de capital.

Nos próximos parágrafos sairemos diretamente da discussão das políticas impostas e vamos discutir melhor o contexto econômico em que o Chile estava inserido.

Naquele momento ocorria o apogeu do capitalismo, e a globalização tanto do sistema produtivo quanto financeiro permitia uma troca de capitais cada vez em maior intensidade. Segundo Agosin (1999), a crescente desregulação e a abertura dos mercados permitiram essa grande mobilidade de capitais.

Os investidores ponderam a projeção da taxa de retorno associado a um risco para fazer um investimento. Com os mercados abertos, os agentes conseguiram expandir sua carteira mais facilmente para outros países, a diminuição das taxas alfandegárias e outras medidas diminuíram os riscos de investimentos internacionais.

O crescente aumento do fluxo de capital para a América Latina mostra que as credibilidades dos países latinos estavam em constante evolução. Os países desenvolvidos, como tinham economias mais maduras, apresentavam taxas de retorno menos atraentes. Houve dois momentos: nos anos 1980 os países latinos sofreram uma crise de endividamento, o que afetou o risco de se investir em todos os países da região, porém na década de 1990 ocorreu uma recuperação e a abundância da liquidez internacional foi absolvida pela região.

Krugman (2001) ainda ressalta que os EUA estavam naquele momento com suas taxas de juros muito baixas, e, como uma economia de suma importância, isso causava parte desse influxo para regiões periféricas. Além disso, as economias em desenvolvimento buscavam naquele momento o controle da inflação, a abertura dos mercados e a onda de privatizações. Esses fatores contribuíram para a diminuição do risco percebido pelos investidores, já que as credibilidades desses países melhoravam com as medidas.

Especificamente com o Chile, a onda de fluxo de capital começou a ficar com taxas elevadas a partir de 1987 até 2000. Os fatores externos foram discutidos nos parágrafos anteriores e mostra que toda a região usufruiu disso. Mas fatores internos explicam bem o porquê de a nação ter tido resultados melhores que as outras nações latinas.

A volta da democracia trouxe ao Chile uma calma política e social, que diminuíram os riscos e elevaram o prêmio de risco dos investimentos. O governo democrático estava melhor alinhado com as crenças e valores mundiais. French Davis e Griffith Jones (1997) mostram que outro fator importante foi a bem-sucedida negociação da dívida externa com os bancos internacionais ainda em 1983. Ao fim da década de 1980 esses bancos conseguiram usufruir do acordo feito anos antes, e isso mostrou ao mundo que o Chile tinha condições de resolver seus problemas.

Na tabela 1, temos a porcentagem em que os investimentos diretos estrangeiros foram alocados nos principais países latinos e podemos observar como

o Chile, mesmo colocado no mesmo contexto externo dos outros, conseguiu números mais expressivos graças aos seus fatores internos.

Tabela 1 - % de IED sobre o PIB.

País	1980-84	1985-89	1990-94	1995-99
Argentina	0,5	0,8	1,4	3,6
Brasil	0,9	0,5	0,4	2,6
<i>Chile</i>	<i>0,9</i>	<i>1,5</i>	<i>2,8</i>	<i>7,7</i>
México	0,7	1,3	1,5	2,9

Fonte: Banco Mundial, 2001¹¹.

Pode-se relacionar também essa boa crença na economia chilena ao ambiente macroeconômico que discutimos no início do capítulo. Assim, já vimos que provavelmente o que trouxe ao Chile todo esse sucesso foi um conjunto de fatores que se complementam.

Outra variável importante a observar é a taxa de investimento. Entre 82-85 a taxa representava na casa de 14% sobre o PIB. Com as novas políticas implementadas a partir de 1985, a variável começou a evoluir, muito disso em virtude da entrada de capital externo, porém não a níveis parecidos aos registrados nos anos 1990, já que muito desse capital foi alocado ao pagamento dos serviços da dívida. Graças aos IEDs e à estabilização da dívida a taxa passa de 14% para 28% no ano de 1992.

Vale ressaltar que o Chile foi o primeiro país da região a colocar em prática reformas estruturais importantes. As privatizações das estatais e a passagem de um sistema de pensão para o setor privado possibilitaram um equilíbrio fiscal nunca encontrado na região. Outro facilitador para o sucesso do Chile foi que a infraestrutura

do país já era melhor que a dos vizinhos. Com investimentos externos e internos, a capacidade ociosa reduziu consideravelmente.

Em 1990, continuaram-se as privatizações e as políticas de atração do capital externo. A CEPAL (2001) destaca que o influxo de capital agiu de forma positiva, como a realização de investimentos diretos, balanço de pagamentos mais relaxado e valorização cambial, esse último poderia ser um item prejudicial já que os investimentos poderiam cair, porém com a queda dos bens de capital geralmente importados, compensou a valorização.

Na tabela 2, podemos observar como o Chile se sobressaiu comparado aos seus parceiros de continente.

Tabela 2 – Crescimento relativo do PIB chileno em relação ao PIB de outros países.

Tabela 2: Crescimento relativo do PIB chileno em relação ao PIB dos países selecionados – 1980-2002

Crescimento relativo do Chile em relação a	Crescimento		
	1980-89%	1990-99	2000-02
Argentina	34,7%	30,6%	34,4%
Brasil	3,3%	53,0%	3,0%
México	10,6%	32,0%	3,9%

Fonte: International Financial Statistics - dados do FMI.

Nos anos seguintes as políticas se mantiveram e o Chile, com uma base muito forte, obteve resultados sempre fortes até os anos 2000. Em 1997 ocorreu a crise asiática, o Chile, como qualquer outro país exportador de *commodities*, sofreu, mas como sua base se manteve durante toda a década, o país se saiu melhor que seus vizinhos.

5. CONCLUSÃO

Com Pinochet, o Chile sofreu uma mudança drástica de política econômica nos anos 1970. A abertura comercial coloca abaixo o intervencionismo estatal recorrente não só no Chile, como nos outros países da região. Porém havia algumas grandes diferenças entre o governo ditatorial e o democrático que o sucedeu, a violência causada pela ditadura não dava ao Chile a paz necessária para que a economia funcionasse, além disso o cobre continuou sendo totalmente de controle do estado com os militares e as políticas de exportação não eram prioridades do governo.

No meio da década de 1980, foram feitas outras grandes mudanças na estratégia econômica, a exportação se tornou o centro das prioridades. Houve uma nova ampliação na política de abertura comercial; por meio do câmbio e do controle das entradas de capitais o governo conseguia manejar melhor as exportações. Quando digo exportações, é de bom tom salientar que outra mudança foi a diversificação das mesmas, de modo que o Chile começou a tentar desenvolver seu setor produtivo.

Outro ponto foi o grande influxo de capital: vindo de um contexto tanto interno quanto externo favorável, o governo tentou priorizar os investimentos concretos e deixou de lado os de caráter especulativo. Os termos de troca melhoraram, esse foi outro fator para o influxo em grandes escalas.

O Chile desfrutou dessas mudanças econômicas por um bom tempo, e o sucesso foi tanto, que até quando o partido socialista assumiu o governo, eles mantiveram a organização que a abertura comercial trouxe. O Chile abriu os olhos do resto do continente para uma política totalmente planejada e sincronizada, respeitando seus valores e sua cultura. Especialistas dão vários motivos para tal crescimento, e analiso que as razões se complementam: a herança deixada por Pinochet se restringe apenas à ideologia da abertura comercial, seu governo não foi capaz de trazer a prosperidade. Quando o ambiente político e social se tornou mais calmo, a competência dos economistas chilenos apareceu, por meio de medidas cautelosas e complementares o Chile conseguiu surfar a onda do sucesso. Privatizações bem-feitas, a abertura comercial e os incentivos de estímulo à economia

nos momentos certos e na dose certa fazem hoje o Chile o país com maior IDH do continente.

REFERÊNCIAS

AGOSIN, Manuel. Comercio y crecimiento: realizaciones del pasado y perspectivas para el futuro. In: *Nuevas políticas comerciales en América Latina y Asia: Algunos casos nacionales*. Santiago de Chile, 1999, p. 205-266.

BEYER, Harald. *Distribuição da renda no Chile: Antecedentes para a discussão*. Estudos Públicos, 2004.

BOSWORTH, Barry P.; DORNBUSCH, Rudiger; LABÁN, Raul. *The Chilean Economy: Policy Lessons and Challenge*. Washington, US, 1994.

CALVO, Guilherme; MENDOZA, Enrique. *Empirical Puzzles of Chilean Stabilization Policy*. Santiago do Chile. 1999.

FERREIRA, Francisco; LITCHFIELD, Julie. *Calm After the Storms: Income Distribution in Chile, 1987 – 94*. Washington US, 1998.

FISCHER, Ronald; GUTIERREZ, Rodrigo; SERRA, Pablo. Privatization in Latin America: Myths and Reality. In: *The Chilean Case*. Washington US, 2005.

FRENCH-DAVIS, Ricardo; REISEN, Helmut. *Flujos de Capital e Inversion Productiva: Lecciones para América Latina*. Santiago do Chile, 1998.

HOLM NIELSEN, Lauritz; NORSWORTHY, Alex. *Chiles's Millenium Science Iniciative: Building Human Capital For The Global Knowledge Economy*. Chile, 2001.

_____; AGAPITOVA, Natalia. *Chile – Science, Technology and Inovation*. Chile, 2002.

KRUGMAN, P., OBSTFELD, M.; MELITZ, M. *International economics: Theory and policy, global edition*. Harlow, United Kingdom: Pearson Education, 2014.

RODINEL, Ricardo; SONAGLIO, Claudia. *Abertura e crescimento econômico chileno nos anos de 80 e 90*. Santa Maria – RS, 2001.

PEDROSO, Ledi; SONAGLIO, Claudia. *Economia Chilena: Exemplo a ser seguido?* Santa Maria – RS, 2006.

THE WORLD BANK. Chile: *Poverty and Income Distribution in a High Growth Economy*. 1987 – 95. Argentina, 1997.